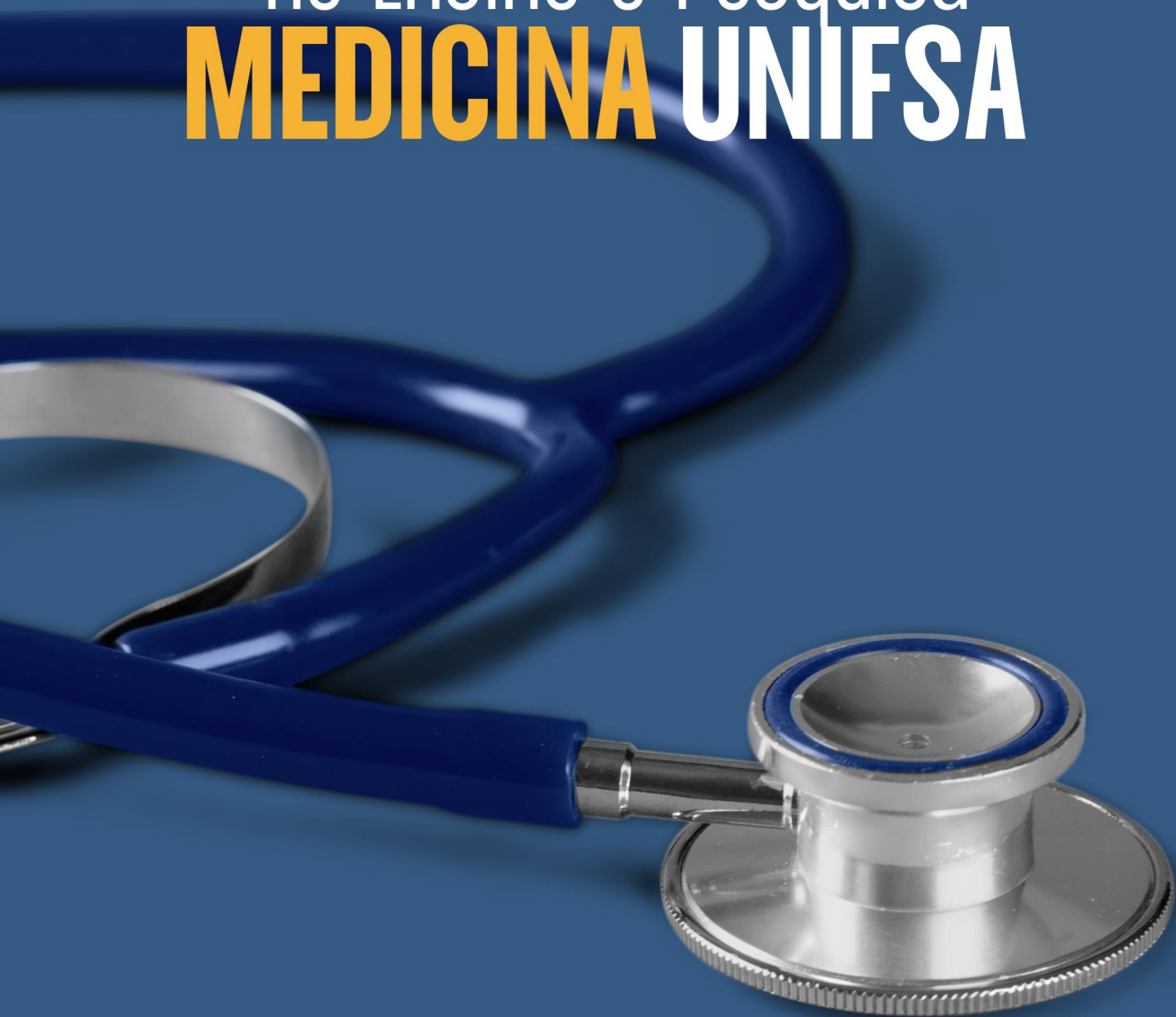


ALISSON DIAS GOMES
IZABEL HERIKA GOMES MATIAS CRONEMBERGER

Práticas Exitosas no Ensino e Pesquisa **MEDICINA UNIFSA**





ALISSON DIAS GOMES
IZABEL HERIKA GOMES MATIAS CRONEMBERGER

Práticas Exitosas no Ensino e Pesquisa **MEDICINA UNIFSA**





CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DIRETORIA DE ENSINO
NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS

Este livro é uma produção © NPA / UNIFSA

Publicação digital pela Editora Lestu

Supervisão Editorial: Ana Kelma Cunha Gallas

Artes e Capa: Odrânio Rocha

Diagramação: Edson Rodrigues Cavalcante

EDITORA LESTU



Editora, Gráfica e Consultoria
Ltda

Contato: editora@lestu.org

site: www.lestu.com.br

Livraria: www.lestu.org



Este título é publicado sob a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0* (CC BY-NC-ND 4.0) e segue o modelo de Acesso Aberto (*Open Access*), que disponibiliza artigos e livros acadêmicos gratuita e irrestritamente na internet. Disponível em: www.lestu.org

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Antônio de Pádua Emérito

Elaborada por Lílian Farias Pinto - CRB-3/1271

AN532 Práticas exitosas no ensino e pesquisa – Medicina UNIFSA / organizado por Alisson Dias Gomes; Izabel Herika Gomes Matias Cronemberger; Edjôfre Coelho de Oliveira; Antonieta Lira e Silva; Indira Maria de Melo Lira Pereira da Silva. – Teresina : Centro Universitário Santo Agostinho – UNIFSA / Editora Lestu, 2025.

180 p. : il. ; recurso eletrônico (PDF).

ISBN: 978-65-983771-3-7

DOI: 10.51205/lestu.978-65-983771-3-7

1. Medicina. 2. Educação médica. 3. Pesquisa científica. 4. Inovação em saúde. 5. Ensino superior. I. Gomes, Alisson Dias (org.). II. Cronemberger, Izabel Herika Gomes Matias (org.). III. Oliveira, Edjôfre Coelho de (org.). IV. Lira e Silva, Antonieta (org.). V. Silva, Indira Maria de Melo Lira Pereira da (org.). VI. Título. VIII. UNIFSA

CDD: 610

Índices para catálogos sistemáticos

Medicina. Educação médica. Pesquisa científica. Inovação em saúde. Ensino

CIRCO DA VIDA SEM TELAS: UMA EXPERIÊNCIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EMOCIONAL EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS*

Carlos H. Oliveira
Erik Vitor Rocha
Isadora Da Silveira Siqueira
Janacelly Barbosa Alencar
Ludimila Sampaio
Luis Albuquerque
Nilene Pindahyra Pachêco
Alisson Dias Gomes
Izabel Herika Gomes Matias Cronemberger

* Relato de Experiência construído nas disciplinas “Projeto Extensão, Pesquisa e Ensino I” e “Método Científico e Medicina baseada em evidências I”, ministradas em 2025, pelos professores doutores Alisson Dias Gomes e Izabel Herika Gomes Matias Cronemberger, no Curso de Medicina do Centro Universitário Santo Agostinho, Teresina (PI).

RESUMO

Este relato de experiência descreve as ações desenvolvidas por nós, acadêmicos de Medicina, no projeto de intervenção “Circo da Vida Sem Telas”, o qual foi realizado no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Integrar/Ação Social Arquidiocesana (ASA), com crianças de 7 a 11 anos. As atividades foram desenvolvidas por meio de dinâmicas e brincadeiras educativas, baseadas na educação popular, como a “Tela da Criatividade”, a “Tela do Conhecimento” e a proposta “Diversão Além das Telas”. O objetivo central foi promover uma reflexão sobre os impactos do uso excessivo de tecnologias, incentivando o uso equilibrado desses dispositivos e estimulando a adoção de novos hábitos. As ações foram planejadas de maneira lúdica e interativa, respeitando a faixa etária das crianças, o que favoreceu o engajamento e a participação ativa. A experiência proporcionou não apenas momentos de diversão, mas também de aprendizado mútuo e fortalecimento dos laços entre nós acadêmicos, a instituição e as crianças envolvidas.

Palavras-chave: Educação Popular; Promoção da Saúde; crianças; uso excessivo de telas.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a utilização exacerbada de dispositivos tecnológicos pelo público infantil tem ocasionado diversos impactos deletérios na saúde das crianças, como o comprometimento da atenção e da memória, a redução da criatividade, do pensamento crítico e da regulação emocional, além de problemas como insônia, sedentarismo e diminuição do tempo dedicado a brincadeiras longe das telas — atividades essenciais para o desenvolvimento motor, social e psíquico.

Este relato de experiência tem como temática principal demonstrar as atividades desenvolvidas por nós, acadêmicos do primeiro período do curso de Medicina, fundamentadas na Educação Popular. Essa ação tem como objetivo estimular a utilização correta de telas entre as crianças de forma lúdica e inconsciente, por intermédio do resgate de brincadeiras tradicionais, da convivência coletiva, do fortalecimento de vínculos afetivos e da valorização da criatividade. Além de aproximar-nos de outras realidades, desenvolvendo em nós a compaixão, a empatia e contribuindo para formação de profissionais mais humanos.

A experiência é orientada pelos princípios da Educação Popular, propostos por Paulo Freire (1996), que valoriza o diálogo, o respeito aos saberes prévios das crianças e a construção coletiva do conhecimento. Para Freire, a pedagogia deve ser

dialógica, crítica e emancipadora. Além disso, o projeto dialoga com os estudos da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), que enfatiza que o uso excessivo de telas por crianças está associado a diversos riscos, como a redução da atividade física, distúrbios do sono, dificuldades no desenvolvimento da linguagem e da socialização. A SBP recomenda que o tempo de uso de telas seja limitado e que se estimule a realização de atividades ao ar livre, brincadeiras e interações sociais.

Nesse relato, descrevemos os principais momentos vivenciados durante o projeto "Circo da Vida Sem Telas", além dos desafios enfrentados ao dialogar com as crianças e suas reações diante das dinâmicas propostas. Também refletimos sobre nossa própria aprendizagem ao longo do processo. A proposta educativa representa uma vivência profundamente transformadora e significativa para nós, pois nos permitiu compreender que o cuidado vai muito além do diagnóstico e do tratamento — ele exige empatia, escuta, respeito e vínculo com outras realidades sociais, o que é essencial para que nos tornemos profissionais verdadeiramente acolhedores e socialmente engajados.

2 METODOLOGIA

No dia 15 de maio de 2025, realizamos nosso projeto no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Integrar, desenvolvido pela Ação Social Arquidiocesana, na cidade de Teresina -PI. A duração foi das 9:30 às 11:00 e contamos com a participação de 10 crianças entre 7 e 11 anos.

Inicialmente, após escolhermos o tema, realizamos encontros para planejar e definir as estratégias que seriam utilizadas, todas compatíveis aos princípios da Educação Popular e ao nosso desejo de combinar o conhecimento à ludicidade propiciada pela palhaçoterapia.

Somado à isso, também fizemos discussões sobre a confecção e a compra dos materiais necessários, como cartazes, balões, pincéis, lápis de cor e tintas, bem como sobre a divisão das funções entre os 7 membros da equipe e a adaptação do conteúdo para a faixa etária infantil, garantindo assim melhor organização e fluidez do nosso projeto.

Como resultado das reuniões e tendo como inspiração Piaget (1978), o qual expõe que as brincadeiras são formas de estimular a imaginação e a compreensão de mundo das crianças, buscamos dividir nosso projeto em 3 fases, todas essas repletas de recreação e divertimento.

A primeira fase inclui recebermos e apresentarmos o tema de forma breve e acolhedora, o que é incrementado com o café da manhã que oferecemos. Na sequência, realizamos a segunda fase da atividade, composta por três estações temáticas, cada uma com seus objetivos específicos. Na primeira, chamada “Tela da Criatividade”, nosso intuito é ajudar as crianças a pensarem e expressarem por meio de desenhos sobre as atividades divertidas que podem ser feitas fora do mundo digital, como brincar, conversar, pintar e desenhar.

Na segunda parte, chamada “Tela do Conhecimento”, nos preocupamos em deixar os pequenos refletirem de maneira crítica, convidando-os a classificarem frases em balões como desvantagens do uso excessivo de telas ou vantagens da sua redução. Finalmente, na terceira, chamada “Diversão além das Telas”, propomos uma atividade engraçada – a corrida do saco – junto à ausculta cardíaca com o uso de estetoscópios antes e após o esforço físico, para mostrarmos que há muitas formas de interagir no mundo real e como isso pode interferir diretamente na saúde.

Por fim, no último momento nos dedicamos a encerrarmos a vivência, com uma roda de conversa e a entrega de um livro feito com base no que abordamos durante a ação. O material é composto por atividades como caça-palavras ligadas aos males do uso excessivo de telas, palavras cruzadas com o tema “O que posso fazer além das telas”, além de desenhos e pinturas, com o propósito de reforçarmos, de forma divertida, os aprendizados adquiridos.

3 DESENVOLVIMENTO

Ao refletirmos sobre o percurso vivido na construção e execução do nosso projeto de intervenção, sentimos que houve um cronograma flexível e um planejamento mútuo. Nesse sentido, a experiência foi marcada por momentos intensos, repletos de aprendizados práticos e teóricos, emoções inesperadas e

descobertas que nos transformaram enquanto estudantes e futuros profissionais da saúde.

Tudo começa no dia 3 de abril, quando nos é proposto o desafio de realizar uma intervenção baseada na educação popular com a temática da saúde emocional. De imediato, compreendemos a profundidade dessa proposta, não apenas como um exercício acadêmico, mas como um ato de cuidado que se alinha com os princípios da humanização na saúde e com os debates realizados em sala de aula sobre o papel do médico como educador e como agente de transformação social.

As ideias começam a fluir nesse mesmo dia. O grupo se reúne, se escuta, negocia horários e, principalmente, começa a sonhar. No dia 5 de abril, damos início ao planejamento propriamente dito: decidimos nosso público de intervenção – o infantil – e escolhemos a palhaçoterapia como abordagem central. Motivados pela percepção da crescente influência das telas na rotina das crianças e pelos impactos disso em sua saúde emocional. Surge então o tema “Circo da Vida sem Telas”, organizado em três estações lúdicas: Tela da Criatividade, Tela do Conhecimento e Diversão Além das Telas. Sendo que a escolha do tema não foi aleatória; ela dialoga com os conteúdos discutidos nas disciplinas, especialmente no que tange à promoção da saúde mental e ao uso responsável das tecnologias.

No dia 10 de abril, voltamos a nos reunir para estruturar o projeto por escrito, dando forma técnica às ideias. Já no dia 14/04, com entusiasmo crescente, nos mobilizamos para pesquisar os preços dos materiais necessários e estimar os custos da ação. O choque com os valores foi grande, mas a vontade de realizar o projeto prevalece. Dividimo-nos em grupos e cada um ficou responsável por confeccionar os elementos das estações. Entre concordâncias e divergências, entendemos a importância do diálogo no processo de construção coletiva. Essa prática nos ensina que, em um grupo, mais valem as negociações produtivas do que as certezas individuais. No entanto, ainda havia duas lacunas cruciais: onde o projeto seria realizado e quantas crianças participariam.

Inicialmente, planejávamos realizar nossa intervenção no Centro de Convivência Novos Meninos e Meninas, com o qual já havíamos feito contato e que havia demonstrado abertura para receber nosso projeto. No entanto, fomos surpreendidos por um grande desafio: a greve dos ônibus, iniciada no dia 12 de maio. Essa paralisação afetou diretamente o transporte das crianças atendidas por essa

instituição, inviabilizando sua participação na atividade. Diante desse imprevisto, tivemos que reavaliar rapidamente nossa estratégia de ação e buscar alternativas viáveis para não desistirmos do projeto.

A resposta chega no dia 14 de maio, com a ajuda da nossa professora, que nos conecta ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Integrar (SCFV INTEGRAR/ASA). Marcamos uma reunião com o assistente social Lucas Catarino, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, local que receberia o projeto. Fomos calorosamente acolhidos por ele e por Nicole Almeida, também assistente social. Descobrimos, então, que nosso público seriam dez crianças de 7 a 11 anos. O contato com o local e a escuta atenta às especificidades das crianças nos ajudam a refinar nosso planejamento. Saímos confiantes e animados, mesmo com um leve receio natural de quem está prestes a vivenciar algo real.

Ainda naquele dia, corremos para comprar os materiais que faltavam, finalizamos os elementos das estações e definimos detalhes como a lista musical e o lanche matinal das crianças. E então, chega o grande dia.

No dia da execução da atividade, chegamos ao local por volta das 8h da manhã. Dividimo-nos em grupos para organizar mesas, decoração, materiais, balões com mensagens educativas e lembrancinhas. Tudo parecia estar sob controle até que, às 9h15 – quinze minutos antes do previsto – as crianças começaram a chegar. A surpresa inicial se transforma em ação: alguns de nós já prontos as recebem com música e café da manhã; outros correm para terminar de se vestir com os trajes de médicos-palhaços.

Às 9h30, começamos formalmente as atividades. Apresentamo-nos, usamos fitas para identificar tanto os nossos nomes quanto os nomes das crianças e iniciamos a primeira estação. Propomos que desenhassem o que gostam de fazer sem o uso de telas. No início, a participação é tímida; muitos correm de um lado para o outro. Precisamos aplicar, na prática, tudo que discutimos em sala sobre estratégias de engajamento infantil. Com paciência e criatividade, conseguimos envolvê-las. E, uma vez imersas na atividade, elas não queriam mais parar de pintar.

Na segunda estação, a euforia cresce. Todos querem estourar balões e responder perguntas sobre os malefícios do uso excessivo de telas. Surpreendentemente, acertam todas as respostas. Essa foi uma validação do

potencial educativo da nossa abordagem. Rimos, nos emocionamos e observamos o aprendizado florescer de maneira leve e divertida.

Às 10h, iniciamos a terceira estação: a corrida do saco. Antes da corrida, promovemos um momento de escuta do próprio corpo: cada criança ausculta seu coração antes da atividade física e depois. Foi uma forma de conectá-las com a saúde de maneira prática e sensível. Após organizarmos elas em duplas, iniciamos a atividade. No entanto, durante a corrida, uma criança cai e chora. Rapidamente, agimos: aplicamos gelo, avaliamos a situação e, felizmente, nada grave aconteceu. O episódio nos lembra da importância da vigilância e do preparo para imprevistos.

Às 10h20, o responsável pelas crianças avisa que em breve elas serão levadas. Com o tempo quase esgotado, fazemos o acolhimento final e distribuímos as lembrancinhas. É visível que a empolgação das crianças beira o caos: querem levar tudo - materiais, lembranças, até nossos estetoscópios. Com muito diálogo, conseguimos organizar a distribuição e nos despedimos, com o coração aquecido e a mente repleta de reflexões.

Após a saída do grupo, reorganizamos o espaço e agradecemos à equipe da instituição. Finalizamos exaustos, mas profundamente realizados. Durante a desmontagem, conversamos sobre a experiência. Percebemos o quanto a teoria que estudamos – Paulo Freire, a educação popular em saúde, os princípios da humanização – faz sentido na prática. Ao vivenciarmos o diálogo como caminho para o aprendizado e a transformação, compreendemos que, como nos ensina Paulo Freire, educar é um ato de troca, em que todos ensinam e todos aprendem, construindo saberes a partir da realidade concreta (FREIRE, 2013). As dificuldades logísticas, o imprevisto diante dos imprevistos, a adaptação constante... tudo isso nos torna mais resilientes, mais empáticos e mais conscientes do nosso papel social.

Descobrimos que a escuta ativa, o acolhimento e a ludicidade são ferramentas poderosas para promoção da saúde emocional. Notamos também que trabalhar com crianças exige preparo, flexibilidade e muito afeto. A maior facilidade foi, sem dúvida, o entrosamento do grupo e a motivação coletiva; já as maiores dificuldades envolveram a logística, o tempo limitado e os imprevistos.

Ao fim, o “Circo da Vida sem Telas” nos ensina que, quando teoria e prática se encontram com propósito e afeto, é possível transformar pequenos momentos em

grandes experiências de aprendizado. E que, mesmo diante do inesperado, seguimos em frente – juntos, mais fortes e mais humanos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que com o nosso projeto os objetivos foram alcançados, de forma que conseguimos sensibilizar as crianças referentes aos impactos negativos do uso excessivo de telas. Utilizamos a palhaçoterapia como estratégia de aproximação e, assim, conseguimos criar um vínculo com as crianças, conectando-nos e ganhando sua confiança.

Com o nosso projeto, acreditamos que as crianças aumentaram seu nível de conhecimento acerca do tema apresentado e entenderam sua importância para o seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social ao longo de suas vidas, o que permitiu em nós um sentimento de que fizemos a diferença, mesmo que de forma singela.

Como recomendação, acreditamos que projetos como esse devem ser mais incentivados nas graduações de medicina e de outras áreas da saúde, pois permitem que os acadêmicos compreendam sua formação para além da técnica. Também sugerimos uma preparação prévia com as instituições parceiras e uma previsão de tempo mais ampla, para lidar com possíveis contratempos.

Em síntese, essa experiência reafirma o poder transformador do contato humano. Projetos como este não apenas informam eles marcam, inspiram e despertam novas possibilidades de ser e estar no mundo, longe do excesso de telas e mais perto da vida real.

5 REGISTROS VISUAIS

Figura 10 - Foto em grupo logo após a realização do projeto



Fonte: Autoria própria.

Figura 11 - Momento da realização da estação “Tela do Conhecimento”



Fonte: Autoria própria.

Figura 12 – Logomarca do projeto de extensão



Fonte: Autoria própria.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido [recurso eletrônico].** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança:** imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **Uso de telas por crianças e adolescentes.** São Paulo: SBP, 2021. Disponível em: https://www.sbp.com.br_

